

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.086

Redacção, Administração e Tipografia

Terça feira, 6 de Julho de 1922

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhaha-Lisboa — Telefone 5339-0

PREÇO \$10 CENTAVOS

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

AS CELEBRES PROPOSTAS DE FINANÇAS E A MORAL DAS "FORÇAS VIVAS"

As propostas de finanças do sr. Portugal Durão puseram em foco as forças vivas. Todos os olhares convergiram para elas. Tinha sóado o momento decisivo em que elas se iam mostrar, sem subterfúgios, nem biombos, tal como eram. As discussões surgidas nas assembleias capitalistas, são o espelho onde todos se podem debruçar, para as fitar, na sua inexorável realidade. E que reflectiu o espelho? Reflectiu com verdade e extraordinária clareza o que elas são, o que elas valem. A ignorância, a avareza, o egoísmo cego, a ambição feroz, a insinceridade, a paixão sectária — tudo isso se viu no espelho.

Pormenorizemos — que o assunto promete.

Sendo Portugal classificado pelos de cima, incluindo os próprios lavradores, um país essencialmente agrícola, como se compreende, como se justifica que ele seja, um país deficitário? Sabendo-se ser necessário importar-se cereais, que razão, que direito assiste aos agricultores de não fazermos agriculturar os terrenos que detetem?

Se falta o trigo e consequentemente falta, encarece e se falsifica o pão, que noção honesta possue o lavrador que conserva incultos os terrenos que, por motivos que a justiça não estão filiados, ele possue?

E' preciso tornar a terra fecun-

posta por lavradores, por grandes lavradores, apoiou-o calorosamente. Eles admitiam como justo, o direito de possuir terrenos, cujas possibilidades produtivas criminosamente desrespeitavam. Esganaramo-nos o dr. sr. Pinto Gouveia, em atacar esta disposição das propostas de finanças, que, se fosse aprovada, obrigaria o proprietário do terreno inculto a pagar ao Estado cem escudos por hectar.

Isto nos primeiros três anos. Passados eles, o proprietário teria de pagar uma importância duplificada, isto é, duzentos escudos por hectar. Esta fácil de se perceber que a intenção governamental visava, não a arranjar receita para o Estado, mas a forçar os agricultores a cumprirem o seu dever.

O dr. sr. Pinto Gouveia protestou, indignado, contra a tributação dos terrenos incultos. «Semelhante disposição tributária — é bolxevismo, puro bolxevismo». A assistência, com-

posto que é um crime esbanjar o que pode servir para a alimentação colectiva. Contra este princípio de nobre e humana moral, se erguem os lavradores, que calorosamente apoiaram ontem a indignação do dr. Pinto Gouveia.

Pode faltar o pão? A fome espreita, está como a espada de Damocles suspenso sobre a população? Que importa fazer? A cultura cerealífera. Acabar com as terras incultas. Assim não entendem os lavradores. Obrigar os detentores da terra a cultivá-la — é bolxevismo.

Para o dr. Pinto Gouveia, para os lavradores, bolxevismo quer dizer roubo. E os lavradores sentem-se roubados, quando os pretendem, por disposições tributárias, obrigar a cultivar a terra. Tornar fecunda a terra — é roubar. Eis no que consiste a moral das forças vivas, que neste facto com tal clareza se revela que nem vale a pena adubá-lo de comentários.

Falta ainda comentar o discurso do façanudo sr. Carvalho da Silva, defensor da monarquia e dos senhores. Mas não vale a pena, sequer, citar o que ele disse. Haverá porventura alguém que ignore quem seja o dr. sr. Carvalho da Silva? É como certamente não há, basta que se diga que ele chamou nomes feios ao Estado e combatou tudo que na vida pode existir de justo, de digno e de belo.

O governo francês sabotou literalmente a Conferência de Génova. Todas as declarações oficiais não podem suportar este facto inegável: Tais declarações não passam de simples palavreado, para embarrilar as gentes.

Uma outra causa do fracasso da Conferência está no desconhecimento completo da ideologia e da psicologia dos revolucionários.

Os dirigentes ocidentais, como o vulgo em geral, julgam todos os estes

agrem pelo que julgam ser os seus interesses materiais. Daí o deduzirem que os revolucionários são puros discursores, que não acreditam numa única palavra da que dizem e que, por consequência, cedem facilmente ao engodo de algumas concessões que satisfazem mais ou menos as suas necessidades materiais.

Esta maneira de julgar os revolucionários foi a dos realistas de todos os países em 179-1800, e que os conduziu ao fracasso da sua política anti-revolucionária.

O mesmo sucederá aos capitalistas de todos os países em relação à sua política antifascista.

Em seguida

discutiu-se a tese

apenas se relaciona com as Internacionais

que a adesão à Internacional

de Amsterdam não se podia dar em face da influência que aquele organismo sofre, da parte dos socialistas que lá estão.

A Internacional de Moscovo sofre igualmente a influência do partido comunista, pelo que a C. G. T. não se pronunciou ainda, aguardando o próximo congresso nacional operário para definir precisamente a sua situação no movimento internacional.

A organização operária tem de se orientar pelas decisões dos seus congressos, por elas representarem o pensamento da massa.

A massa não tem ainda aquela noção necessária dos acontecimentos, pelas deficiências intelectuais que muitos dos seus militantes revelam.

Repele a injuria do congressista Tomás de Oliveira, delegado dos ferroviários de Lourenço Marques, que deprimiu a C. G. T., sem se recordar que, aqueles que ele representa, estão dentro da C. G. T.

O discurso é finalizado com aclamações à C. G. T.

A aédo à C. G. T. provoca acaloradas discussões

Pina Cortes, declarou ao congresso que não toma parte nas discussões do congresso, não se retirando por consideração para com todos os congressistas.

Justifica largamente a sua atitude, levantando borborinho as suas palavras, havendo protestos gerais.

António Constantino manifesta a seu desacordo com a adesão à C. G. T., fazendo afirmações que provocam contusões.

Joaquim Pires, João Cavalheiro, José Jorge e José Manuel dos Santos apoiam a adesão à C. C. T.

Salazar Palma mostra-se contrário à adesão à C. G. T. e apresenta uma moção no sentido de que a tese dos principios ideológicos baixa, para estudo, o comissão executiva, e que o próximo congresso se pronuncie definitivamente.

Esta moção levanta grande borborinho, não sendo votada.

David dos Santos Oliveira acha exagerada a adesão à C. G. T.

Alcino Alves faz largas considerações sobre a situação moral e económica do país, entendendo, contudo, que a Federação não devia fazer parte da C. G. T., por falta de preparação das classes ferroviárias.

O congressista Pina Cortes pretende depois falar, o que levanta certa confusão. Procede-se à votação da tese, aprovando 59 e rejeitando 12.

Lê-se uma declaração de voto de Fragozo Amado, que declara votar a adesão à C. G. T. pelas condições em que se encontra o organismo que representa, entendendo, contudo, que a Federação não devia fazer parte da C. G. T.

O congressista Pina Cortes apresenta uma moção sucedendo, na pessoa de Pinto Barbosa, a classe ferroviária portuguesa.

José Jorge requer que se proceda à votação nominal da tese Princípios Ideológicos. É aprovado.

O congressista Pina Cortes pretende depois falar, o que levanta certa confusão. Procede-se à votação da tese, aprovando 59 e rejeitando 12.

Lê-se uma declaração de voto de Fragozo Amado, que declara votar a adesão à C. G. T. pelas condições em que se encontra o organismo que representa, entendendo, contudo, que a Federação não devia fazer parte da C. G. T.

O congressista Pina Cortes, por concessão do cargo, faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Alcino Alves faz largas considerações

sobre a situação moral e económica do país, entendendo, contudo, que a Federação não devia fazer parte da C. G. T.

O congressista Pina Cortes responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a adesão à C. G. T., enviam para a mesa uma declaração, segundo a qual acham necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Alcino Alves faz largas considerações

sobre a situação moral e económica do país, entendendo, contudo, que a Federação não devia fazer parte da C. G. T.

O congressista Pina Cortes, por concessão do cargo, faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

representam, por elas não terem directamente esse encargo.

O relator da C. G. T. faz uso da palavra. Analisa a

temporânea a adesão.

Miguel Correia responde às considerações dos oradores antecedentes.

Os delegados, que voltaram contra a

adesão à C. G. T., enviam para a mesa

uma declaração, segundo a qual acham

necessária essa adesão, não podendo votá-la, contudo, em nome da pessoa que

AS GREVES

Operários mobiliários

Entra hoje na 12.ª semana a greve dos operários desta indústria; apesar disso continua sendo inabatível o seu moral e admirável o seu espírito de resistência.

Na assembleia de ontem foi confirmada a abertura de 4 casas nas condições por nós reclamadas. Tomou-se conhecimento da prisão das camaradas Hugo Brito e João H. Matias, sem que couba alguma as justifica. Protestou-se veementemente contra esta violência e contra o facto de na 3.ª esquadra e poucos momentos após a sua prisão não permitirem que se entregasse um abalo ao camarada Matias, nem tanto comunicar com ele.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Mais uma segunda-feira é decorrida sem que a dignidade das classes do mobiliário tenha sido manchada. Entrámos pois na 12.ª semana de luta, registando a reabertura de mais oficinas nas condições por nós desejadas, afirmando-se cada vez mais da parte dos grevistas o deseo de serem atendidos. Nós entanto, presenciamos nôs que a "patronal", autora desta embrulhada, continua a impor tiranicamente sobre aqueles dos nossos patrões a quem extorquiu as caçoadas. Os lojistas, uns continuam a fazer o seu negócio, não só do resto que lhes restava nos armazéns, como ainda adquirindo algum mobiliário da província, procurando assim recuperar o perdido: outros, acorrentados ao dinheiro que a "patronal" lhes arrancou, deixam-se ir sabendo.

E, que fazem os industriais? Pobres de espírito, sem cabeca para resolver as suas questões, sem coragem para romper com aqueles que juraram aos seus deuses levá-los à ruina, deixam-se levar, também, pelo canto dos seus amigos dos diabos, que do escrupulo nada mais conhecem do que a designação.

Alguns, porém, vão ainda conjecturando uma solução honrosa que lhes permita não perder o dinheiro dos compromissos, quando seria muito mais acertado confessarem-se abertamente roubados, procurar reaver o seu dinheiro e reabrir as oficinas atendendo as nossas reclamações, que todos sabem muito bem serem justas.

A luta titânica que temos sustentado, pode-se afirmar que não é uma luta meramente material, em que a renitência patronal tem a mais leve justificação.

E' uma imposição! — dizem ainda alguns dos nossos adversários — que nós fazemos reclamando um salário ainda incomparável com a ganância do comercialismo, do qual também os nossos patrões muitas vezes se queixam. Existem, porém, uma diferença: — Nós somos daqueles que compreendendo a infelicidade dos aumentos de salário temos reagido e arcado com as consequências da nossa rebeldia contra os gananciosos. Os nossos industriais, previsamente as criaturas que mais de pertinho conhecem a nossa precária situação, pelo permanente contacto nas oficinas, curvam a cerviz muito dócilmente, ante as imposições dos seus fornecedores de matéria prima e regateiam sempre uma pretensão justa daquelas cujo esforço tem que dar para a satisfação de todos os encargos dum oficina.

Assim, aumenta o ferrageiro, o estanteiro, o fornecedor das pedras, o fornecedor dos espelhos, etc? Tudo é pago sem recalcitrar. O lojista, especulando, arrasta quanto pode os preços das mobílias, guardando para si a parte de leão? Os industriais, numa concorrência infame entre si, lá vão proster-nar-se aos pés dos intermediários e oferecer-lhes quase todo o suor que conseguem arrancar aos seus assalariados. Mas, se são os operários que instintivamente

vêm procurar defender os seus interesses contra a fome que os invade, reclamando uma parcela ínfima do valor da sua produção, então o patronato arrogante aplaudiu esse gesto, por mais justo e correcto que ele seja, de imediato.

Os industriais esquecem tudo para se lançar aos operários. Nunca foram capazes de se entender em parceria emancipando a tutela do comercialismo; mas, neste caso, dando-se de grandeza, os deixando-se guiar pela vontade maldosa das lojas que sistemáticamente os arrastam até aos sumptuosos salões da "patronal", onde, embriagados com o luxo que os rodeia e o fradezido caprichoso de algumas criaturas, inconsciente e também maldispostamente, não discerniram que, pretendendo combater-nos, simplesmente se condenavam.

E' pois esta uma luta entre a razão da parte dos operários e a maldade dos lojistas aliada à cobardia dos seus fidei-deuses.

Alguns patrões, aterrados com a situação difícil que já vão atravessando, vêm todavia procurando ainda forçar a razão e tomar o pulso aos operários.

Assim, vão chamando particularmente alguns dos seus operários convidando-os a retomar o trabalho com um aumento que não é o reclamado e com a promessa de, na semana seguinte, lhes dar o resto.

Porém, a resposta é certa. Os operários estão identificados com a tabela do sindicato e não aceitam menos, visto que razões lhes sobejam já para reclamar mais e alguns até já não acorrem aos chamarinhos isolados que os patrões fazem.

A alguns industriais que ainda se supõem que nos cansarão e vão incitando os operários a ir à "patronal", ou às suas secções, afim de encontrar a solução do conflito, nós respondemos:

A base da solução é a aceitação da tabela por nós apresentada.

Já más reconhecemos a sua "patronal", ou qualquer comissão delegada dessa entidade.

Alguns, porém, vão ainda conjecturando uma solução honrosa que lhes permita não perder o dinheiro dos compromissos, quando seria muito mais acertado confessarem-se abertamente roubados, procurar reaver o seu dinheiro e reabrir as oficinas atendendo as nossas reclamações, que todos sabem muito bem serem justas.

A luta titânica que temos sustentado, pode-se afirmar que não é uma luta meramente material, em que a renitência patronal tem a mais leve justificação.

E' uma imposição! — dizem ainda alguns dos nossos adversários — que nós fazemos reclamando um salário ainda incomparável com a ganância do comercialismo, do qual também os nossos patrões muitas vezes se queixam. Existem, porém, uma diferença: — Nós somos daqueles que compreendendo a infelicidade dos aumentos de salário temos reagido e arcado com as consequências da nossa rebeldia contra os gananciosos. Os nossos industriais, previsamente as criaturas que mais de pertinho conhecem a nossa precária situação, pelo permanente contacto nas oficinas, curvam a cerviz muito dócilmente, ante as imposições dos seus fornecedores de matéria prima e regateiam sempre uma pretensão justa daquelas cujo esforço tem que dar para a satisfação de todos os encargos dum oficina.

Assim, aumenta o ferrageiro, o estanteiro, o fornecedor das pedras, o fornecedor dos espelhos, etc? Tudo é pago sem recalcitrar. O lojista, especulando, arrasta quanto pode os preços das mobílias, guardando para si a parte de leão? Os industriais, numa concorrência infame entre si, lá vão proster-nar-se aos pés dos intermediários e oferecer-lhes quase todo o suor que conseguem arrancar aos seus assalariados. Mas, se são os operários que instintivamente

vêm procurar defender os seus interesses contra a fome que os invade, reclamando uma parcela ínfima do valor da sua produção, então o patronato arrogante aplaudiu esse gesto, por mais justo e correcto que ele seja, de imediato.

Os industriais esquecem tudo para se lançar aos operários. Nunca foram capazes de se entender em parceria emancipando a tutela do comercialismo; mas, neste caso, dando-se de grandeza, os deixando-se guiar pela vontade maldosa das lojas que sistemáticamente os arrastam até aos sumptuosos salões da "patronal", onde, embriagados com o luxo que os rodeia e o fradezido caprichoso de algumas criaturas, inconsciente e também maldispostamente, não discerniram que, pretendendo combater-nos, simplesmente se condenavam.

E' pois esta uma luta entre a razão da parte dos operários e a maldade dos lojistas aliada à cobardia dos seus fidei-deuses.

Alguns patrões, aterrados com a situação difícil que já vão atravessando, vêm todavia procurando ainda forçar a razão e tomar o pulso aos operários.

Assim, vão chamando particularmente alguns dos seus operários convidando-os a retomar o trabalho com um aumento que não é o reclamado e com a promessa de, na semana seguinte, lhes dar o resto.

Porém, a resposta é certa. Os operários estão identificados com a tabela do sindicato e não aceitam menos, visto que razões lhes sobejam já para reclamar mais e alguns até já não acorrem aos chamarinhos isolados que os patrões fazem.

A alguns industriais que ainda se supõem que nos cansarão e vão incitando os operários a ir à "patronal", ou às suas secções, afim de encontrar a solução do conflito, nós respondemos:

A base da solução é a aceitação da tabela por nós apresentada.

Já más reconhecemos a sua "patronal", ou qualquer comissão delegada dessa entidade.

Alguns, porém, vão ainda conjecturando uma solução honrosa que lhes permita não perder o dinheiro dos compromissos, quando seria muito mais acertado confessarem-se abertamente roubados, procurar reaver o seu dinheiro e reabrir as oficinas atendendo as nossas reclamações, que todos sabem muito bem serem justas.

A luta titânica que temos sustentado, pode-se afirmar que não é uma luta meramente material, em que a renitência patronal tem a mais leve justificação.

E' uma imposição! — dizem ainda alguns dos nossos adversários — que nós fazemos reclamando um salário ainda incomparável com a ganância do comercialismo, do qual também os nossos patrões muitas vezes se queixam. Existem, porém, uma diferença: — Nós somos daqueles que compreendendo a infelicidade dos aumentos de salário temos reagido e arcado com as consequências da nossa rebeldia contra os gananciosos. Os nossos industriais, previsamente as criaturas que mais de pertinho conhecem a nossa precária situação, pelo permanente contacto nas oficinas, curvam a cerviz muito dócilmente, ante as imposições dos seus fornecedores de matéria prima e regateiam sempre uma pretensão justa daquelas cujo esforço tem que dar para a satisfação de todos os encargos dum oficina.

Assim, aumenta o ferrageiro, o estanteiro, o fornecedor das pedras, o fornecedor dos espelhos, etc? Tudo é pago sem recalcitrar. O lojista, especulando, arrasta quanto pode os preços das mobílias, guardando para si a parte de leão? Os industriais, numa concorrência infame entre si, lá vão proster-nar-se aos pés dos intermediários e oferecer-lhes quase todo o suor que conseguem arrancar aos seus assalariados. Mas, se são os operários que instintivamente

vêm procurar defender os seus interesses contra a fome que os invade, reclamando uma parcela ínfima do valor da sua produção, então o patronato arrogante aplaudiu esse gesto, por mais justo e correcto que ele seja, de imediato.

Os industriais esquecem tudo para se lançar aos operários. Nunca foram capazes de se entender em parceria emancipando a tutela do comercialismo; mas, neste caso, dando-se de grandeza, os deixando-se guiar pela vontade maldosa das lojas que sistemáticamente os arrastam até aos sumptuosos salões da "patronal", onde, embriagados com o luxo que os rodeia e o fradezido caprichoso de algumas criaturas, inconsciente e também maldispostamente, não discerniram que, pretendendo combater-nos, simplesmente se condenavam.

E' pois esta uma luta entre a razão da parte dos operários e a maldade dos lojistas aliada à cobardia dos seus fidei-deuses.

Alguns patrões, aterrados com a situação difícil que já vão atravessando, vêm todavia procurando ainda forçar a razão e tomar o pulso aos operários.

Assim, vão chamando particularmente alguns dos seus operários convidando-os a retomar o trabalho com um aumento que não é o reclamado e com a promessa de, na semana seguinte, lhes dar o resto.

Porém, a resposta é certa. Os operários estão identificados com a tabela do sindicato e não aceitam menos, visto que razões lhes sobejam já para reclamar mais e alguns até já não acorrem aos chamarinhos isolados que os patrões fazem.

A alguns industriais que ainda se supõem que nos cansarão e vão incitando os operários a ir à "patronal", ou às suas secções, afim de encontrar a solução do conflito, nós respondemos:

A base da solução é a aceitação da tabela por nós apresentada.

Já más reconhecemos a sua "patronal", ou qualquer comissão delegada dessa entidade.

Alguns, porém, vão ainda conjecturando uma solução honrosa que lhes permita não perder o dinheiro dos compromissos, quando seria muito mais acertado confessarem-se abertamente roubados, procurar reaver o seu dinheiro e reabrir as oficinas atendendo as nossas reclamações, que todos sabem muito bem serem justas.

A luta titânica que temos sustentado, pode-se afirmar que não é uma luta meramente material, em que a renitência patronal tem a mais leve justificação.

E' uma imposição! — dizem ainda alguns dos nossos adversários — que nós fazemos reclamando um salário ainda incomparável com a ganância do comercialismo, do qual também os nossos patrões muitas vezes se queixam. Existem, porém, uma diferença: — Nós somos daqueles que compreendendo a infelicidade dos aumentos de salário temos reagido e arcado com as consequências da nossa rebeldia contra os gananciosos. Os nossos industriais, previsamente as criaturas que mais de pertinho conhecem a nossa precária situação, pelo permanente contacto nas oficinas, curvam a cerviz muito dócilmente, ante as imposições dos seus fornecedores de matéria prima e regateiam sempre uma pretensão justa daquelas cujo esforço tem que dar para a satisfação de todos os encargos dum oficina.

Assim, aumenta o ferrageiro, o estanteiro, o fornecedor das pedras, o fornecedor dos espelhos, etc? Tudo é pago sem recalcitrar. O lojista, especulando, arrasta quanto pode os preços das mobílias, guardando para si a parte de leão? Os industriais, numa concorrência infame entre si, lá vão proster-nar-se aos pés dos intermediários e oferecer-lhes quase todo o suor que conseguem arrancar aos seus assalariados. Mas, se são os operários que instintivamente

vêm procurar defender os seus interesses contra a fome que os invade, reclamando uma parcela ínfima do valor da sua produção, então o patronato arrogante aplaudiu esse gesto, por mais justo e correcto que ele seja, de imediato.

Os industriais esquecem tudo para se lançar aos operários. Nunca foram capazes de se entender em parceria emancipando a tutela do comercialismo; mas, neste caso, dando-se de grandeza, os deixando-se guiar pela vontade maldosa das lojas que sistemáticamente os arrastam até aos sumptuosos salões da "patronal", onde, embriagados com o luxo que os rodeia e o fradezido caprichoso de algumas criaturas, inconsciente e também maldispostamente, não discerniram que, pretendendo combater-nos, simplesmente se condenavam.

E' pois esta uma luta entre a razão da parte dos operários e a maldade dos lojistas aliada à cobardia dos seus fidei-deuses.

Alguns patrões, aterrados com a situação difícil que já vão atravessando, vêm todavia procurando ainda forçar a razão e tomar o pulso aos operários.

Assim, vão chamando particularmente alguns dos seus operários convidando-os a retomar o trabalho com um aumento que não é o reclamado e com a promessa de, na semana seguinte, lhes dar o resto.

Porém, a resposta é certa. Os operários estão identificados com a tabela do sindicato e não aceitam menos, visto que razões lhes sobejam já para reclamar mais e alguns até já não acorrem aos chamarinhos isolados que os patrões fazem.

A alguns industriais que ainda se supõem que nos cansarão e vão incitando os operários a ir à "patronal", ou às suas secções, afim de encontrar a solução do conflito, nós respondemos:

A base da solução é a aceitação da tabela por nós apresentada.

Já más reconhecemos a sua "patronal", ou qualquer comissão delegada dessa entidade.

Alguns, porém, vão ainda conjecturando uma solução honrosa que lhes permita não perder o dinheiro dos compromissos, quando seria muito mais acertado confessarem-se abertamente roubados, procurar reaver o seu dinheiro e reabrir as oficinas atendendo as nossas reclamações, que todos sabem muito bem serem justas.

A luta titânica que temos sustentado, pode-se afirmar que não é uma luta meramente material, em que a renitência patronal tem a mais leve justificação.

E' uma imposição! — dizem ainda alguns dos nossos adversários — que nós fazemos reclamando um salário ainda incomparável com a ganância do comercialismo, do qual também os nossos patrões muitas vezes se queixam. Existem, porém, uma diferença: — Nós somos daqueles que compreendendo a infelicidade dos aumentos de salário temos reagido e arcado com as consequências da nossa rebeldia contra os gananciosos. Os nossos industriais, previsamente as criaturas que mais de pertinho conhecem a nossa precária situação, pelo permanente contacto nas oficinas, curvam a cerviz muito dócilmente, ante as imposições dos seus fornecedores de matéria prima e regateiam sempre uma pretensão justa daquelas cujo esforço tem que dar para a satisfação de todos os encargos dum oficina.

Assim, aumenta o ferrageiro, o estanteiro, o fornecedor das pedras, o fornecedor dos espelhos, etc? Tudo é pago sem recalcitrar. O lojista, especulando, arrasta quanto pode os preços das mobílias, guardando para si a parte de leão? Os industriais, numa concorrência infame entre si, lá vão proster-nar-se aos pés dos intermediários e oferecer-lhes quase todo o suor que conseguem arrancar aos seus assalariados. Mas, se são os operários que instintivamente

vêm procurar defender os seus interesses contra a fome que os invade, reclamando uma parcela ínfima do valor da sua produção, então o patronato arrogante aplaudiu esse gesto, por mais justo e correcto que ele seja, de imediato.

Os industriais esquecem tudo para se lançar aos operários. Nunca foram capazes de se entender em parceria emancipando a tutela do comercialismo; mas, neste caso, dando-se de grandeza, os deixando-se guiar pela vontade maldosa das lojas que sistemáticamente os arrastam até aos sumptuosos salões da "patronal", onde, embriagados com o luxo que os rodeia e o fradezido caprichoso de algumas criaturas, inconsciente e também maldispostamente, não discerniram que, pretendendo combater-nos, simplesmente se condenavam.

E' pois esta uma luta entre a razão da parte dos operários e a maldade dos lojistas aliada à cobardia dos seus fidei-deuses.

Alguns patrões, aterrados com a situação difícil que já vão atravessando, vêm todavia procurando ainda forçar a razão e tomar o pulso aos operários.

Assim, vão chamando particularmente alguns dos seus operários convidando-os a retomar o trabalho com um aumento que não é o reclamado e com a promessa de, na semana seguinte, lhes dar o resto.

Porém, a resposta é certa. Os operários estão identificados com a tabela do sindicato e não aceitam menos, visto que razões lhes sobejam já para reclamar mais e alguns até já não acorrem aos chamarinhos isolados que os patrões fazem.

A alguns industriais que ainda se supõem que nos cansarão e vão incitando os operários a ir à "patronal", ou às suas secções, afim de encontrar a solução do conflito, nós respondemos:

A base da solução é a aceitação da tabela por nós apresentada.

Já más reconhecemos a sua "patronal", ou qualquer comissão delegada dessa entidade.

Alguns, porém, vão ainda conjecturando uma solução honrosa que lhes permita não perder o dinheiro dos compromissos, quando seria muito mais acertado confessarem-se abertamente roubados, procurar reaver o seu dinheiro e reabrir as oficinas atendendo as nossas reclamações, que todos sabem muito bem serem justas.

</

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

No interior das fábricas têxteis — Algumas proezas de mestres... verdugos — Exploração e provocação

Mais uma vez nos vamos ocupar da indústria de tecelagem, isto é, das fábricas que cometem a portas a dentro das respectivas fábricas. Nunca é de mais amarrar ao pelourinho da crítica esses patifes que são o flagelo de uma classe laboriosa e ridiculamente paga. Princípios.

Na rua de Barros Lima, fica situada a antiga fábrica do Baia, hoje baptizada com o nome da Empresa de Tecelagem, Limitada. O trabalho lá é por empreitada e manual. Como em toda a parte, existe nas oficinas daquele estabelecimento fabril um olheiro, um policial, um sobo. Chama-se, cremos, João Figueiredo, conhecido por duas alcunhas — *Urso* e *Toucinho*. Não sabe ler, prima qualidade recomendável para mestre; tecnicamente, afirmam os entendidos que não compreende português. O seu papel primacial, é passar na fábrica, de cigarro ao cauto de boca e mãos afiradas das costas, enquanto o pessoal se amostra para ele levar dinheiro sem produzir nada, a não ser vigiar, qual Argus atônito, todos os movimentos dos escravos. Como tem tempo para magizar em malandragens, segunda-feira lembrou-se de pedir para que lhe fizessem um aviso ao pessoal e mandou-o fixar. E' do teor seguinte:

Todo o operário que faltar sem motivo justificado, pela primeira vez paga 10\$00 réis de multa, pela segunda vez tem oito dias de castigo e à terceira vez é despedido.

Não pode haver coisa melhor do que esta violenta ex-croquiada condenada pelo *Urso* e *Toucinho*. Se esta violência é repelida ou não pelo pessoal é coisa que se verá a seu tempo.

O asqueroso polícia da patronal quando entrou para a fábrica não tinha onde cair morto: nem um esburacado lençol possuía sequer. Hoje, que já tem uma camisa limpida à custa, não do trabalho, mas da sabugueira repelente, já se recorda dos seus antigos camaradas. Como aos sabujos se juntam os sabujos, o *Toucinho* tem uma grela, que protege escândalo-sangrento. Assim, por exemplo, ao pessoal competente e habilidoso que não esteja sob a alga das suas graças, paga-lhe com o ordenado de 48\$0 e 55\$0 por dia; e ao pessoal que esteja sob o seu protectorado, embora a aprender com o outro, isto é, não competente, aliviar-lhe um salário de 75\$00.

E' único, mas é assim mesmo.

Na aludida empresa existe uma tabela de preços por onde todos os industriais se regalam. Segundo essa tabela, quando qualquer operário passa a trabalhar por conta da casa a média do seu salário é tirada pela férula das últimas 9 semanas em que esteve por empreitada. Pois o célebre *Toucinho*, criatura de pouca cotação moral, tomou a liberdade de pagar, aos operários que passaram a ganhar ordenado fixo, tanto como paga aos *aprendizes* do algodão, quer dizer: os tal 75\$00, saltando, velhamente, por cima da mencionada tabela. Um operário, que sabe o que é dignidade, preferiu despedir-se a ter que sujeitar-se à vila-ninha.

Os efeitos demonstram as causas, e o público bem está sentido as belezas de semelhante municipalização... carnívora... logo... há trâscendentes...

O vereador Ramiro Guimarães, um tanto amnéstico, não se recorda que haja assistido, na Companhia Utilidade Doméstica, à organização dum tableau de Jaime Cirne, com a qual concordara com atraída tabela, porque embareteia de mal o prego da carne de vitela...

Jáime Cirne berra com factos e a desmemória de Guimarães torna-se em memória. Portanto, o ataque à tabela por último senhor é uma covardia... A frase fôr de efeitos estupefactores. A tragica-comédia movimenta-se, os corações palpitem e os rostos, do novo, se contraem em esgares terríveis. A tempestade volta a estalar, tornando-a mais horrenda à luz das lâmpadas e dos focos... que vai queimando alguns cedros...

Ao amável convite do presidente, a covardia é retirada, passando a ser o sr. Ramiro... um herói! Então o sr. Santos Silva ganha alegria e classifica o procedimento do sr. Cirne, que quer carne barata para o público, de *iniquificável*. E o visado retumba: *Insultar-me! pois saberia defender-me!*... Como impelido por uma mola, levanta-se, metendo o caminho a que o extinto C. D. S., que liquidei as no mais curto prazo.

Outro tanto não se deu com o seu colega José Nunes que, tendo já por hábito traçar os seus companheiros da especialidade da seda, covardemente ficou subordinado à tirania e ameaçamento do Figueiredo — indiferente ao gesto ativo do seu camarada.

Há mais proezas do patifário, que, sempre de cigarro aceso e mãos atrás do anus, não pensa noutra coisa senão em maiandriques de régulo. Mas isto vai aos poucos, para dirigirmos o *chique* para outra banda...

— Uns talas Garcia e irmão há poucos anos ainda eram uns operários e, como tais, uns pobretões, quase caídos da bôca à morte. Veiu a guerra, e esses cavalheiros conseguiram, por processos que eles sabem, estabelecer-se com uma fábrica de fitas. Como a guerra deu margem a tâda a sorte de roubaheiras, os novéis industriais foram prosperando à medida que os explorados iam caíndo na miséria.

Hoje só é número fatídico dos novos ricos: apesar disso os seus operários não ganham além de 18\$00 e 20\$00 semanais, ordenado insuficiente para se sustentar uma família. Assim sendo, o pessoal do Garcia e Irmão, donos da fábrica de fitas da rua do Montebelo, resolveram solicitar aumento de jornada. Os mariolas patronais, lembrando-se das suas privações de outrora, da sua miséria antiga, reconhecem a justiça dos seus operários? Não, senhor; grosseiramente atrevindamente, canibalmente, responderam que mandassem as suas mulheres *pedir para a praga*. Os leitores, certamente, compreendem que significa aquela *pedir para a praga*. Francamente: aquela altura a resposta não merecia uma dose eloquente de estudo? Positivamente que sim. Só desta maneira é que terminariam as provocações insolentes e indecentes de alguma garotada patronal.

Na fábrica Fiação Portuense via-ha-se trabalhando 10 horas, por imposição brusca do celebríssimo mestre José Queirós, aquele dos brindes às mestras, do pagode com elas; aquele que ainda continua a mandar operárias a fazer-lhe a cama que tem dentro da fábrica, a lavar-lhe a roupa... e outras coisas más. Como se vêm fazendo uma campanha tenaz contra os atentados vibrados na legal duração de trabalho, agrava-lo-a, aqui há três semanas, aproximadamente, uma comissão conseguiu do potestado que o pessoal fizesse só a trabalhar as oito horas. O mestre Queirós, porém, não pode conceber que persistisse por mais tempo, por muito tempo, aquele horário de trabalho. Congeminou as suas costumadas farcas, piruetas, trapalhadas. Segunda-feira passada mandou chamar à sua divina presença, posto que ele é um Júpiter dentro da fábrica, duas comissões de pessoal. Ti-

nham de preveni-lo de que ele deveria dar mais uma hora.

Feita a prevenção-pedido, o dito pessoal manifestou não estar pelos ajustes. Então o famigerado Queirós, o mestre das tâdas, onde chama mulheres... para as repreender, teve este lance... macacal e digno de nota: à saída dos operários de ambos os sexos, colocou-se ao portão, arregando, burlescamente, aos seus escravos: — *Quem quer trabalhar mais nna hora passe para a direita; quem não quer vá para a esquerda.*

Isto tem o seu quê de palhacie, de ridículo e de indigno. O truc, todavia, falhou. Todos caíram para a esquerda. O Queirós, amarelo, embatulado, fôe aos arames, como vai dizer-se e então, colérico, deu ordens terminantes para que no dia seguinte o pessoal só desse gásse às 18, isto é, para, coagidamente, trabalhar a tal hora a mais. E aquele cu aquela que tivesse a osadaria de comunicar estas coisas lá fôra, seria imediatamente despedido. Ele também tem a sua polícia em campo.

Contudo, como nas outras secções ha uma certa resistência, é, o fâmulo Queirós, só exerce, preferentemente, a sua violência na secção da fiação, porque esta mais frequentes as crianças, aproveitando-se assim da sua inocência, que a lei da regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores é letra morta nesta abençoada república de salários e incêndios, pelo menos que os pais defendam os seus filhos das garras de semelhantes exploradores, abutres, não os deixando tam preocemente entuberculizar pelo trabalho superior às suas forças físicas e mal alimentadas. É' uma dor de consciência, é um crime grave que as famílias cometem.

Eis o que conseguimos saber a respeito do carrasco sr. José Queirós, que não ganha juizo, que não toma emenda. E conseguimos indagar estas novas marterias apesar das ameaças feitas ao pessoal para que não desvendasse do que se passa no antro da Fiação Portuense, a despeito da sua polícia em campo.

Até as paredes da fábrica falam connosco: são uma morada aberta. *Anda a engraçada questão das carnes — Nova borrasca municipal*

Haver ou não haver Falperra na questão do abastecimento das carnes é o pomo de discórdia que caiu, lamentavelmente, no hemisfério da intercessantíssima Câmara.

Como era já esperado, rebentou nova trovada no parlamento portuense, Apartes, insultos, conjunto diplomático, punhos crispados, faces coléricas, gestos violentos, grande balbúrdia. Por um triz que não estrague no ringo manipulador o seu desafio à *A Batalha* — desse aprova.

Manuel José Pereira fez um discurso de elogio àquele órgão da organização operária, apelando para que todos os camaradas presentes façam a maior propaganda dele, por ser o único diário que abertamente defende a causa que trabalham.

Entrando-se na ordem do dia — o aumento de salário — a Comissão Administrativa da Associação dos Operários Manipuladores de Pão esclareceu qual o seu ponto de vista sobre a melhor forma de entabular negociações com os industriais. Debatido suficientemente o assunto, foi nomeada uma comissão de três membros — Manuel Rodrigues Crespo, Joaquim Moreira Bento e Mendes da Costa — para, junto dos patrões, tratar das reclamações formuladas pelo sindicato.

Grande número de manipuladores concorreu com um dia de salário para o início do movimento grevístico, se él for preciso dar-se.

A classe telegrafo-postal reuniu para tratar da sua situação económica

Na quinta-feira pretória, reuniu, em assembleia geral, na sede da sua delegacia, o pessoal menor dos correios e telegrafos, a fim de tratar da sua situação económica, agravada pela desmedida ganância dos exploradores do comércio. Nessa reunião, regularmente concorrida, fizeram diversos oradores referindo-se largamente à miséria que vai alastrando pela sua classe, mercê da anormalidade da vida portuguesa, que os governantes não procuram modificar e os especuladores se servem dela para a construção rápida das suas riquezas — especuladores favorecidos pela simplicidade das autoridades.

Por unanimidade, foi depois aprovada a seguinte moção:

“O Pessoal Menor dos Correios e Telegrafos, reunidos em assembleia geral para tratar da sua situação económica, em virtude do aumento considerável da carestia da vida, tendo em vista que os poderes constituintes estão dispostos a conceder a certas categorias de funcionários um aumento equitativo nos seus salários, vencimentos; considerando que este telegrafo-postal é uma das maiores contribuições para o desenvolvimento progressivo do país sem que possa manter-se com os exigentes recursos económicos que usufrui; Considerando que, embora se reconheça não estar a solução radical do problema económico para os que trabalham, é, todavia, um desafogo transitório que se adquire ante uma situação precária; Atendendo a que a Associação de Classe é a legítima intérprete das reivindicações da corporação, resolve: Apoiar com vigor, a Associação em todos os trabalhos atinentes a melhorar as condições económicas da classe telegrafista”.

Música vibrante, animada e cheia de inspiração, agrada sempre por muito ouvida que possa ser. Tem-se de dizer que as zarzelas multíssimo, mas por muito que se diga, não nos cançamos de ouvi-la parecendo que lhe descobrimos de cada vez, novos encantos.

El santo de la Isidra é um modelo de bom humor, em que o tradicional exagero espanhol aparece musicalizado com exagero dando-nos uma ideia da sua vida agitada de rua, onde em botões estribulos as libações de “emançanha” tornam os mais bisonhos em estudos impenitentes.

Nos canteiros das janelas espreitam cravos variegados e os “mantos” multicolores adejam ao vento descadados dos ombros de mulheres bonitas, enfeitiçadoras. As violas celebram a alegria, saudadas as suas cordas pelas mãos nervosas dos tocadores e as gargantas das raparigas desfiam notas de cristal.

Contraria um pouco com *El santo de la Isidra* e *Las briñas* a serena dramatização de *Patria chica*. Embora com ressalvas, é de André Brun, que naquele teatro fará a temporada de verão. Os 4º, 5º, 6º e 7º quadros dessa peça serão respectivamente assim intitulados: *Dois dedos de conversa*, *Suave Milagre*, *A Caminho de Lisboa*, *Cais de Europa*.

O novo teatro Maria Vitoria, instalado no Avenida Parque (antigo Parque Mayer), à rua do Salitre, será inaugurado ainda no corrente mês. A primeira peça que nele subirá à cena é a revista *Lua Nova*, original de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes, João Bastos, e Henrique Roldão. A música é exclusivamente de maestro Alves Coelho, uma parte original e outra coordenada.

Deve assinar-se por estes dias o contrato de aluguer do Eden Teatro até 1925, entre a empresa proprietária daquele e a de aluguer e os empresários Lino Ferreira e Leopoldo O'Donnell.

A Companhia Espanhola Barreto Ballester está ensaiando, afim de serem representadas no Eden, entre outras as seguintes zarzelas: *La Gran-Via Verben de la Paloma* e *Enseñanza Latina*.

Reclames

Mais um brilhante e atraentíssimo espetáculo o de hoje, no Eden, pela companhia espanhola Barreto Ballester.

Além da zarzuela *El duo de la Africana*, que tem conquistado um sucesso verdadeiramente grandioso, repetem-se as zarzelas de género chicano *La mala sombra* e *El amigo Melquidas*, que entram em escena igualmente, com enorme sucesso. A primeira é original de Quintero e, como todas as produções dos ilustres escritores, é um verdadeiro mimo literário, sobressaindo no seu desempenho as típicas Nadal e Daina e os actores Ballester, Barreto e Arias.

Para essas récitas excepcionais está sendo organizado um atraentíssimo programa.

Os sr. assistentes que para clausuram manter os seus lugares teem a preferência até quinta-feira, 8.

O distinto actor empreendedor Otelo de Carvalho, quasi restabelecido, já retomou os seus papéis na revista *Pipa-rote*, em cena no teatro Salão Foz, tendo começado a ensaiar o quadro novo *Propaganda de Portugal*, destinado à festa da gentil diretora Laura Costa, marcada para a próxima sexta-feira.

Festas artísticas

A comédia de zarzuela que tanto tem agrado no Eden, vai começar a dar as suas recetas de despedida, e assim que já se anunciam para segunda-feira

proxima a festa artística do 1º actor Pedro Barreto, e para terça-feira, com o último espetáculo da Companhia, a festa do outro 1º actor Luís Ballester.

Para essas récitas excepcionais está

sendo organizado um atraentíssimo programa.

Os sr. assistentes que para clausuram manter os seus lugares teem a preferência até quinta-feira, 8.

O distinto actor empreendedor Otelo de Carvalho, quasi restabelecido, já retomou os seus papéis na revista *Pipa-rote*, em cena no teatro Salão Foz, tendo começado a ensaiar o quadro novo *Propaganda de Portugal*, destinado à festa da gentil diretora Laura Costa, marcada para a próxima sexta-feira.

Notícias

Está marcada para amanhã, 4º feira, no Nacional, em récita da moda, a récita dos autores da feliz revista *Tiro ao alvo*.

Caixas-receptáculos domésticos

Uma comissão delegada da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, que era acompanhada por numerosos empregados menores, protocolou ontem no parlamento os presidentes do ministério e da câmara dos deputados, lembrando-lhes a conveniência de, antes do interregno parlamentar, ser apreciado pelo relatório o projeto que estabelece as caixas-receptáculos domiciliários.

Núcleo do Pórtico. — São convocados todos os jovens sindicalistas a reunião, em assembleia geral, na proxima quinta-feira, 8 de corrente, pelas 20 horas, para apreciar o relatório dos deputados, lembrando-lhes a conveniência de mal o prego da carne de vitela...

A esta reunião devem assistir todos os jovens que exercem cargos, nos sindicatos operários.

C. D. S. — Pela segunda vez, se pede a todos os camaradas, que tenham condições a fazer com a extinto C. D. S., que se proceda a um inquérito; e resolvem-se que, para o hidro-avião se dê 15 contos...

As panadas que fizeram a madrugada, depois do fígado despolado... Como o ensaio teve tempo... o espetáculo só teve inicio às 24 horas, com grande impaciência dos espectadores...

Ah! esqueci-me de dizer: em documento importante, a covardia é retirada, passando a ser o sr. Ramiro... um herói! Então o sr. Santos Silva ganha alegria e classifica o procedimento do sr. Cirne, que quer carne barata para o público, de *iniquificável*.

E o visado retorna: *Insultar-me! pois saberia defender-me!*... Como impelido por uma mola, levanta-se, metendo o caminho a que o extinto C. D. S., que liquidei as no mais curto prazo.

As reclamações tem por fim a reabertura das associações ligadas árbitrariamente encerradas e a libertação dos muitos nativos que se encontram presos sob o regime de trabalhos forçados...

Núcleo de Juventude Comunista de Lisboa. — Reuniu ontem a comissão executiva deste núcleo, reunindo novamente hoje para continuação dos trabalhos.

O que se concluiu, em face destes sacrificados, que o público, que o consumidor, é que tem roubado a Câmara e o negociante, é que é o habitante da Fiação... Nem podia ser outra a conclusão.

